

2 Evangelismo Relacional

Reverendo conceitos

(...) sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra.
Atos 1.8b

Continuando a expor as razões externas que atrapalham o evangelismo, temos, além da razão *prática*, a *histórica* e a *doutrinária*.

A história moldou um hábito

Por volta do século XVIII, a igreja europeia e americana se via diante da difícil tarefa de evangelizar nos centros urbanos em crescimento, e alcançar novos povos e línguas. A solução para este dilema foi a criação de instituições paraeclesiais: sociedades missionárias cuja função era selecionar, treinar, enviar e sustentar missionários para os campos mais longínquos da terra, para então lá fazerem *missões*. Ao mesmo tempo, o protestantismo que permanecia nas cidades enfrentava o desafio de levar o Evangelho às pessoas por meio de associações (ex. ACM).

Assim, o *evangelismo local* era realizado por associações e o *evangelismo transcultural*, por sociedades missionárias. Isto acabou se tornando um modelo de como as coisas deviam ser feitas. A igreja passou a não ser compreendida como a comunidade evangelizadora, tanto no contexto local e extra local. A tarefa da evangelização ficou nas mãos de instituições ligadas à igreja, mas que ao mesmo tempo não eram uma igreja – e a igreja contentou-se com apenas *orar* e *contribuir*.

A função da igreja no evangelismo

Os evangelistas são claros: Jesus instruiu a igreja a *pregar o Evangelho a todas as nações* (Mc. 16.15-18), *batizar e fazer discípulos* (Mt. 28.18-20), *pregar o perdão dos pecados em nome de Jesus* (Lc. 24.44-49). Cristo

comissionou a sua igreja para ser sua testemunha no contexto imediato, no seu entorno e mesmo em terras distantes (At. 1.8). Jesus enviou a sua igreja em missão. E se uma igreja não é missionária, não é igreja, na definição do próprio Senhor.

“*Todo cristão ou é um missionário ou é um impostor.*” — Charles Spurgeon

Um equívoco doutrinário

A igreja peca em não priorizar o impulso missional também por uma motivação *doutrinária*. J. I. Packer, em sua obra “Evangelismo e Soberania de Deus”, explora a relação entre a soberania de Deus, que elege pessoas para a salvação, e a responsabilidade humana de pregar o Evangelho. O autor expõe que uma visão incorreta da soberania de Deus, promove uma vida cristã complacente e o afrouxamento da evangelização, com a desculpa que Deus trará seus eleitos ao Evangelho de qualquer maneira. Packer demonstra pelas Escrituras que Deus, em sua sabedoria e soberania, decidiu usar a igreja como meio para proclamação do Evangelho, e que a soberania de Deus não anula nossa responsabilidade (Rm. 10.14,15). O próprio Paulo, que tanto escreveu sobre soberania de Deus, é também exemplo de grande evangelista.

Desafio

1. O que vem à sua mente quando se fala em *missões*? Pensa em um missionário indo para outro país?
2. Já se pegou pensando que Deus trará os eleitos e por isso não é preciso evangelizar? •